

HELSING

CAÇADORES DE MONSTROS



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR



ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores

Obra protegida por direitos autorais

2020

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br



SELO
CONEXÃO LITERATURA

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS

Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04
O último monstro, por Roberto Schima, pág. 05
A fúria benevolente, por Ney Alencar, pág. 13
O Caçador (Poema), por Cleber Gimenes Freitas, 18
Mantícora - Uma herança para os Helsing, por Franciele Bach, pág. 21
O senhor da morte, por Gabriella Rebeca, pág. 26
Antônio Spadoni - O caçador de demônios, por Ademir Pascale, pág. 32
O cheiro do fogo, por Gisele Wommer, pág. 42
Monstros em pele de homem, por Sir_Lemonpie, pág. 47
O caçador, por Rozz Messias, pág. 54
Conheça outros títulos da coleção, pág. 60

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale
E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

Desta vez apresento, juntamente do grande caçador Abraham Van Helsing, o e-book *Helsing – Caçadores de Monstros*, uma homenagem ao grande mestre Bram Stoker. O que muitos leitores não sabem, é que Helsing, depois de suas inúmeras caçadas noturnas e de seu encontro com Drácula, algo acabou saindo errado e ele mesmo tornou-se numa das criaturas que ele mais temia: um monstro imortal amaldiçoado a caminhar solitário e eternamente sobre a Terra. Por milagre sua mente permaneceu intacta e mesmo não sendo mais humano, continuou caçando as aberrações que por azar (deles) cruzaram seu caminho.

Hoje, o próprio Helsing apresentará 9 incríveis contos de escritores criativos ou até mesmo caçadores disfarçados contando suas próprias aventuras.

Leiam e tirem suas próprias conclusões. Tenham uma ótima leitura!



Ademir Pascale - Escritor e Editor

www.edgarallanpoe.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br



HELSING APRESENTA O CONTO O ÚLTIMO MONSTRO POR ROBERTO SCHIMA

Sinopse: Ao perder a sua amada para um vampiro, Van Helsing decide dar fim não somente a este, mas a todos os monstros. Parte, então, em sua jornada pelo mundo, abatendo tudo em seu caminho: lobisomens, múmias, mortos-vivos, fantasmas, dragões e até o poderoso príncipe da Valáquia, Drácula. Décadas depois, de volta ao seu refúgio, velho e exaurido, acredita ter exterminado todos eles. Todavia, descobre que num pântano encontra-se o derradeiro monstro a ser exterminado. Dado o seu estado, poderá vencê-lo e, assim, dar por encerrada a missão para a qual devotou sua vida?

Roberto Schima é neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela revista digital Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de várias antologias, incluindo "O Legado de Edgar Allan Poe" e "Histórias para Ler e Morrer de Medo" (ambos pela Conexão Literatura).



Por vezes, o maior monstro que temos a temer é aquele que recusamos a ver.

ravo holandês.
B Abraham Van Helsing.
Maior matador de monstros.

Sim, era esse o título que ele ostentava perante uma humanidade supersticiosa e amedrontada nos mais diferentes recantos do mundo, desde que se impôs a cumprir tal árdua tarefa a partir da distante Amsterdã. Não sem motivo, porém, conforme bem o sabia, desde que sua doce Lucille fora capturada e morta por um vampiro. Enlouquecido pela dor da perda, pusera-se a caçar a criatura através da Europa, embrenhando-se cada vez mais a leste, até destruir não somente o maldito, mas o maior de todos os vampiros, o sanguinário Conde Drácula, príncipe da Valáquia.

Isso não pusera fim a sua missão, porém.

O mundo estava dominado pelos monstros.

Muitos disfarçavam-se entre os humanos e ocupavam cargos elevados. Alguns chegaram a presidência de uma nação ou tornaram-se ministros ou senadores. Outros viviam em profundas cavernas, nas florestas ou no alto das montanhas.

Entretanto, Van Helsing, de um jeito ou de outro, dera cabo a todos eles - ao menos, era o que acreditava —, utilizando-se dos mais variados artifícios, sem jamais abandonar os métodos ortodoxos de eficácia comprovada: alho, água benta, estacas, poções, pactos, orações secretas, fogo, balas de prata, relíquias sagradas, invocações. Oh, sim, às vezes utilizara-se do auxílio de criaturas de outras realidades para combater o Mal deste lado do mundo.

— Enfim, acabou — murmurou em seu esconderijo.

Tratava-se de um casarão de oito séculos, paredes de pedra maciça de um metro de espessura, torres pontiagudas, cercada por um círculo de sal e um fosso de água consagrada.

Rodeado por sua imensa biblioteca que reunia inúmeros conhecimentos de ocultismo, rolos de papiro, vários alfarrábios raros sobre diferentes criaturas, encantamentos e alquimia, o matador de monstros repetiu para si, cansado:

— Enfim... acabou.

Era um misto de cansaço, alívio e vazio.

Van Helsing, após décadas e inúmeras batalhas, estava velho e exaurido. Seu corpo dizia-lhe que a chama da vida não tardaria a ser apagada e os vários acordos e promessas que fizera com as entidades do além, em breve seriam cobrados. Resignou-se a aceitar o seu destino. Não se importava. Eliminara todas as bestas que infestavam o mundo. Vingara sua amada Lucille. A missão fora cumprida.

Enquanto degustava um antigo *whisky* — sim, na vida permitira-se ao menos esse luxo —, relembrava suas lutas. Era como se sua vida se resumisse a isso: caçar, combater e destruir monstros. As vidas que ele ceifara constituíram-se a razão de sua própria existência. Se havia uma ironia nisso, ele não tinha palavras para discernir. O líquido da cor do carvalho queimava-lhe a garganta como um rio de fogo. Sim, tantos monstros...

Abominável Homem das Neves.

A Sereia do Rio Itanhaém.

A Serpente Marinha.

O Dragão de Litz.

Um alienígena.

Mortos-vivos.

Lobisomem.

Fantasma.

Múmia.

Bram.

A lista era interminável, encabeçada por Drácula e suas noivas.

Drácula.

— Tu fostes um inimigo que valeu a pena enfrentar.

E ergueu a taça num brinde silencioso ao rei dos vampiros.

Apanhou da pena e anotou em pergaminho todos os acontecimentos do dia. Uma prateleira inteira de sua biblioteca acomodava os seus diários primorosamente encadernados em couro: relatos sobre todos os confrontos, anotações sobre cada criatura, descrições, pistas, históricos, métodos utilizados nos combates, suas impressões pessoais. A quem legaria todo esse saber? Havia muito, cogitara em arranjar um discípulo. Pretendia ir ao mosteiro do Padre Mathews para ver se conseguiria um, por mais que este o olhasse com suspeita. Tinha que tentar, afinal, os homens da Igreja desde sempre lutaram contra o Mal. E, por mais que acreditasse ter exterminado todas as abominações da terra, no fundo ele sabia que o Mal encontraria um jeito de retomar o equilíbrio.

Equilíbrio? Sim. Pois o holandês também sentia, ainda que evitasse mencionar em voz alta, que tanto o Bem quanto o Mal necessitava um do outro para que pudesse se sobressair e, até, ter a sua razão de ser.

"... como a noite sucedia o dia em um ciclo sem fim...", escreveu.

Virou-se casualmente para um desenho de Austin Spare emoldurado na parede e pela milésima vez perguntou-se o que seriam aquelas visões de outros mundos que o artista dizia ter.

"... Tudo o que sou são ecos de memória. Enfim, acabou... Acabou?"

Embora acreditasse haver cumprido a sua missão, abriu a última gaveta da escrivaninha e retirou um objeto oculto num saco de veludo. Concentrou-se. Cerimoniosamente, recitou uns encantamentos e mantras. Quando se sentiu preparado, retirou-o do saco. Era uma das coisas mais valiosas que possuía: a Esfera de Jacobs. O objeto medieval constituía-se de um globo de cristal sem a menor falha, de tonalidade violeta, criada por um alquimista do século XIII. Possuía poderes acima do entendimento humano e deveria ser manipulado com cuidado, sem leviandades, pois, do mesmo modo que trazia revelações, também poderia absorver a alma de um incauto.

Abraham Van Helsing fixou seu olhar no interior da esfera e convergiu seu pensamento em uma única questão:

"Acabaram-se os monstros?"

Lentamente, de lá de dentro do cristal, entre emanações violáceas e imagens desconexas, as brumas se dissiparam. O que era translúcido tornou-se nítido. Então, ele soube.

Havia mais um monstro.

Ele seria encontrado em uma casa de madeira, numa ilhota enevoadada cercada por um pântano no Condado de Kent.

Tornou a cobrir a esfera e guardou-a em seu lugar.

Pântano? Ele já matara criaturas do pântano. Nele viviam e dele se alimentavam. Monstros de bocarras viscosas e corpos cobertos de muco que regalavam-se com aqueles que nas águas fétidas se perdiam. Não fora fácil exterminá-los, contudo, até onde sabia, não habitavam casas.

O que estaria no Condado de Kent?

Suspirou entre a fadiga e a excitação.

Antes do cristal voltar a exibir a sua uniformidade violeta, teve a sua resposta. Viu um rosto malévolos tomar forma. Uma mulher encarquilhada entre ervas, animais ressequidos, frascos de vidro e manuscritos profanos: uma feiticeira.

Terminou o seu *whisky* e, decidido a dar fim à criatura, arrumou suas coisas, apanhou seu melhor cavalo e partiu sem olhar para trás.

— Por Lucille...

O Condado de Kent ficava a seis dias de viagem. Foi um tormento para o velho caçador de monstros. Seus músculos doíam. Seus ossos reclamavam. Seu vigor perdera-se nos meandros do tempo.

Em determinado momento, perto do sol se pôr e a beira do pântano, precisou abandonar sua montaria. Trocou-a por um bote e seguiu na direção apontada pelo homem com quem realizara a transação. Este pusera-se a observá-lo como quem despedia-se de um defunto.

Um nevoeiro pernicioso, grudento e frio cercava a decrepita construção de madeira da feiticeira. Dir-se-ia tratar-se de espíritos malévolos, guardiões, pois a névoa aparentava ser dotada de vida própria. Árvores mortas sobressaíam-se das águas pútridas como garras esqueléticas. O fedor de matéria morta pairava em toda parte.

— Feiticeira!

Foi uma luta encarniçada.

Bruxedos.

Ilusionismos.

Pragas enunciadas.

Relâmpagos entre dedos.

Criaturas das trevas invocadas.

Peixes demoníacos saltaram para o ar.

Corvos sem olhos desejavam arrancar os seus.

De todos os recursos a mulher utilizou. Abraham Van Helsing não ficou atrás. Somente o fato da feiticeira ser muito mais velha e frágil do que ele deu-lhe alguma vantagem.

— Ainda que me mates, Van Helsing — vociferou a velha —, tua alma nunca terá paz!

— A tua menos ainda, feiticeira.

— Circe. Guarde o meu nome... Circe!

Ela ria e ria, ensandecida, enquanto voava sobre o pântano em sua vassoura de cedro. Faíscas saltavam de seus olhos e névoas cinzentas brotavam de seus braços.

Por fim, Van Helsing conseguiu alvejá-la com uma bala de prata em cujo interior havia uma mistura de água benta, alho, gengibre e cabelo de recém-nascido. O projétil explodiu no interior do corpo carcomido. A mulher berrou e estatelou-se diante da varanda de sua casa.

Van Helsing desembarcou na ilhota e seus pés afundaram na lama. Caminhou com dificuldade até lá, sempre atento a qualquer truque traiçoeiro.

Entretanto, não havia truque.

A feiticeira estava no fim. Antes de perecer, balbuciou algo.

O matador de monstros supôs que Circe fosse lançar sua derradeira maldição. Porém, ela falou:

— Acreditas que sou o último monstro em tua lista? Não sou. Em meu quarto oculta-se o derradeiro, a pior de todas as bestas do inferno, o mais vil, poderoso e traiçoeiro entre nós. Aguarda por ti.

A feiticeira estrebuchou e morreu.

As estrelas ficaram visíveis.

O nevoeiro se dissipou.

O fedor desapareceu.

Van Helsing, ofegante, ficou boquiaberto.

Como assim? Mais um monstro?

A Esfera de Jacobs não mostrara isso.

O velho caçador, encontrava-se no limite de suas forças. Sentia que a vida esvaía-se de suas veias feito a areia a escoar de uma ampulheta. Todavia, ele tinha que saber a verdade. Poderia, simplesmente, atear fogo ao abrigo de Circe. Porém, não seria o bastante. Ele precisava averiguar que criatura era essa. Preparou seu arsenal e avançou porta adentro. Seus passos ecoaram no assoalho. Conforme vira entre a bruma na bola de cristal, o interior da casa estava repleto de velharias, animais empalhados, velas, potes, unguentos, pilão, vidros cheios de substâncias variadas. Era uma feiticeira metódica. Cada frasco ou objeto havia sido etiquetado: pó de sapo verde, mandrágora, terra de cemitério, asas de morcego, bolotas, penas de abutre, ossos de javali moídos. Coisas de bruxa. Pôs-se a escutar. Nada. Exceto pelos ruídos do pântano, o ranger de madeira velha e sua

própria respiração, tudo era silêncio. Caminhou cautelosamente, cômodo por cômodo, até restar apenas um: o quarto.

O holandês deu uma última conferida em seu arcabuz. Dentro dele, colocara de tudo um pouco que pudesse dizimar um monstro terrível.

Diante da porta antiga, respirou fundo.

Tudo parecia igualmente quieto lá dentro.

Sentia-se no momento derradeiro de sua vida.

Tudo o que Van Helsing fizera convergira naquilo.

— Por ti, Lucille...

Deu um pontapé na porta.

O matador de monstros ficou boquiaberto.

Apesar das diferentes nuances de penumbra, percebeu.

— Mas... Não tem ninguém aqui!

Correu até a janela e arrancou as pesadas cortinas, permitindo que o luar penetrasse. Admirou, então, a mesma organização que Circe demonstrara na cozinha: tudo rotulado numa obsessão insana.

Repentinamente, não obstante sua constatação inicial, Van Helsing vislumbrou pelo canto dos olhos o esgueirar de uma figura horrenda e, impulsivamente, disparou contra ela.

Em vez de um rugido ou gemido de dor, o que ele escutou foi o barulho de vidro estilhaçado. Correu a acender as velas de um castiçal e iluminou ainda mais o quarto de Circe, principalmente na região alvejada.

— Que diabos...

Pasmo, o velho caçador observou àquilo que atingira: um espelho. No alto de sua moldura de bronze ornamentada por arabescos, a feiticeira rotulara: Espelho da Verdade. As rugas de Van Helsing tornaram-se mais pronunciadas. Aos seus pés, nos cacos de vidro, ele vislumbrou o próprio reflexo. Não, não o reflexo.

A criatura monstruosa continuava lá a encará-lo, um milhão de vezes.

— Não pode ser...

O Espelho da Verdade.

O último monstro...

... era ele próprio!

Aquele espelho tinha o poder de refletir não a imagem vulgar do objeto, mas a sua essência, o que de verdade trazia em seu âmago.

E aquela era a verdade sobre Abraham Van Helsing, o matador holandês.

De que outro modo ele teria tido tanto êxito em derrotar os mais perversos monstros dos confins da terra? Sendo um mero mortal? Impossível! Somente se fosse, ele próprio, uma abominação. Não somente um monstro e, sim, o pior entre todos eles, o mais poderoso e vil.

Relembrou as palavras de Circe:

"... o mais traiçoeiro entre nós..."

Ele traía os de sua própria espécie, assassinando-os. Como e por que Van Helsing perdera a memória de sua natureza sobrenatural seria para sempre um mistério.

— Meu Deus... — gemeu, prostando-se sobre o piso de madeira.

Sim, a feiticeira estava correta: restara um último monstro por destruir, contudo, Van Helsing não precisaria se esforçar muito e nem empreender uma grande viagem. A dor em seu peito dizia-lhe que o fim desse derradeiro e terrível adversário não tardaria a chegar.

Não haveria discípulo a segui-lo.

Padre Mathews poderia descansar em paz.

Ele aguardou pelo fim, implorando que, pelos seus atos, ao menos fosse-lhe concedido um desejo: que pudesse, em uma outra realidade, reencontrar àquela que não somente mudara a sua natureza, mas dera-lhe um sentido na vida e na morte. A mulher cujo triste destino tornara-se uma lembrança a corroer-lhe a carne e arrancar-lhe a alma.

— Lucille...

Aquela a quem ele idolatrara.

Aquela a quem, certa vez, um vampiro matara.

Porém, fora o holandês que, no peito dela, uma estaca fincara.





HELSING APRESENTA O CONTO
A FURIA BENEVOLENTE
POR NEY ALENCAR

Sinopse: Uma Caçadora de Monstros ancestral é invocada para vingar um assassinato e trazer o castigo ao culpado.

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Graduou-se em direito pela Univali em 1992, Advogado, Professor, Pintor e Psicopedagogo, voluntário em projetos sociais voltados à criança e ao idoso. Participou de exposições individuais em Santa Catarina e no Paraná.



“Ó eu clamo à vós Tisífone,
Senhora da Vingança, eu a invoco,
Vem ó benevolente vingadora,
Vem ó Fúria filha da Noite,
Vem com teu açoite implacável,
Vem com tua ira poderosa, e
Traz teu castigo ao culpado
E paz ao coração da vítima!”

Invocação à Tisífone

O chamado da Antiguidade retornou clamando vingança!
Havia quase uma década que ninguém a chamava. Aqueles que a conheciam e temiam já desapareceram deste mundo há muitos séculos e nem mesmo os descendentes deles acreditavam mais nela.

A oração era pura e ardente! As letras brilharam à sua frente, não era Aeólico Antigo, nem Dórico, Ático ou Iônico, era uma nova língua bárbara com pouca expressão e acentos simplistas.

Ela soube o que deveria fazer enquanto as palavras retiniam ao seu redor.

Andou pelos interstícios do tempo, em apenas alguns passos ela estava em uma calçada, o céu nublado fazia cair uma garoa fraca e fria.

Ela balançou os cabelos, as serpentes silvaram e se encolheram, o frio e a chuva as incomodavam.

Ela buscava o pior dos monstros, o mais desalmado e vil que já caminhou por aquela terra. Ele era invisível aos olhos dos outros homens porque se escondia dentro do rebanho dos seus pares e sua figura nada mais era do que um arremedo grosseiro dos monstros de outrora!

Olhou com interesse para o outro lado da rua quase deserta.

Um homem alto e forte andava, com passos firmes e decididos pelo outro lado da rua, usava uma blusa azul e jeans preto e fugia da garoa com um guarda-chuva. Ele entrou pela fachada de um prédio novo. Ela não o seguiu. Não precisava!

O conhecimento de sua presa estava implícito nas palavras da oração.

Com dois passos ela entrou no apartamento do décimo terceiro andar.

Ele estava tirando os sapatos molhados.

Ela parou por um segundo apenas, olhando em volta, não havia nada ali que o incriminasse, mas ela sabia, ela conhecia todos os crimes que ele já havia cometido.

Sabia de todas as seis mulheres e do rapaz. Todos mortos!

Ela surgiu para ele como uma visão!

Ele recuou, pois sua imagem, a mesma desde que havia nascido do sangue de Urano e desde que o mundo existia ainda os fazia desmaiar!

Uma mulher alta e magra de aspecto terrível, roupas negras a envolviam e grandes asas escuras como de um morcego saiam de suas costas, seus cabelos trançavam-se com serpentes que sibilavam e coleavam, seus olhos ardiam com um fogo imorredouro e deles escorria sangue no lugar de lágrimas como se estivesse chorando. Em suas mãos trazia um chicote de pele de cobra.

Ele recuou até que uma parede o fez parar, então gritou! Havia horror em sua voz e medo e terror também!

Ela falou e sua voz cava e oca o assustaram mais que sua imagem.

Ela o chamou pelo nome!

Ele tentou fugir, correu descalço pela porta e desceu as escadas. Ela esperou.

Soube quando ele parou no décimo andar e com um passo estava à sua frente.

Chamou-o novamente, pelo nome e pela alcunha: homicida!

Ele recuou, os olhos esbugalhados de pavor e o corpo tremendo.

Ela o olhou nos olhos. O terror que seu olhar infligia beirava a danação!

Ele fugiu de novo. Ela o perseguiu!

Dezenas de vezes ele fugiu e ela o encontrou, até que ele desmaiou na sala do apartamento. Ela sentou-se no sofá e esperou. As serpentes estavam agitadas.

Ele acordou e a olhou, os olhos vidrados e braços não pareceram reconhecê-la.

— Quem é você? – perguntou ele num sussurro.

— Eu sou sua culpa! – ela respondeu e seus olhos choraram lágrimas de sangue.

Ele tentou esconder-se dela. Ela sempre o encontrava, então ele parou de esconder-se.

Começou a vê-la como um fantasma, uma alucinação.

Tentou voltar à sua rotina. Ela o acompanhou sussurrando em seus ouvidos:

— Homicida! Homicida! Homicida!

Ele tentou durante dois dias inteiros. Ela o atormentou.

Quando ele dormia ela o acordava com seus gritos estridentes de fúria.

Ele sabia que não podia fugir dela, já havia tentado. Quisera conversar e entender, mas não havia palavras nela que não fossem de acusação e castigo.

Então ele retornou ao local do crime uma noite!

A casa vazia que ele comprara para poder se livrar dos corpos agora parecia cheia de vozes, ecoando com cólera e danação.

Ele desceu ao porão e cavou até olhar para o rosto sangrento da última moça. Os olhos mortos revidaram seu olhar!

Ele ficou ali à noite toda, olhando o cadáver. Ela ficou ao lado dele, sussurrando:

— Homicida! Homicida! Homicida!

Às vezes ele a olhava nos olhos, via as lágrimas de sangue e as serpentes sibilando hediondas e afastava o olhar com medo. Apagou a luz, mas mesmo no escuro ela continuou sua ladainha.

Ele podia sentir aquelas palavras entrando dentro dele como espinhos, como facas cruéis.

A noite foi um tormento!

Pela manhã tornou a enterrar o cadáver e saiu da casa. Por um momento pareceu-lhe que estava sozinho. Viu que ela o esperava na calçada.

Sua garganta fechou-se, compungida, o choro veio, os soluços de desespero, mas não o arrependimento. Ele não sentia pena de suas vítimas. Não sentia misericórdia!

Ele se alimentava do horror delas e agora esse mesmo horror o afogava. Seu peito não estava pesado de remorso. Estava apenas cansado de ser atormentado!

Ela ficou seria. Nunca havia visto um assim, não, todos sentiam culpa ou remorso ou loucura. Este não! Ela o confrontou de novo, mas ele a olhou como se ela fosse apenas uma alucinação. Entendeu o que precisava fazer.

Ele precisava do conhecimento. Somente o conhecimento o faria arrepender-se. O conhecimento de quem ela era, do que ela era!

Dois dias depois ela surgiu no apartamento. Ele não estava só. Havia pessoas lá. Elas fugiram quando a viram, quando ela o chamou pelo nome e quando gritou seu crime!

E ele soube que ela não era uma alucinação, e teve medo!

Ela veio com toda sua pompa e seu poder!

Aquela à quem pedimos que tenha piedade de nós!

Sua sombra alta, muito além das sombras dos simples homens.

Os olhos impiedosos e sangrentos, os cabelos cheios de serpentes entrelaçadas, os açoites impetuosos de pele de cobra!

Suas asas bateram em uníssonos e o som era como um hálito frio, seu manto negro era como mortalhas.

O coro de sua voz com a negrura da noite chegou até ele.

O medo o avassalou e ele caiu de joelhos.

Mesmo assim não se arrependeu, mas o medo, o terror, o consumia e ela sorriu!

E falou:

— Você não sabe quem sou.

Ele balançou a cabeça negativamente.

— Eu estou aqui porque você matou! Você cometeu o pior dos crimes!

Ele concordou mudo.

— Eu sou o remorso que açoitava, sou a culpa que enlouquece! Os antigos me chamavam de Bondosa e Benevolente. Estou aqui para conduzi-lo às Terras Sem Luz! Posso lhe mostrar a Loucura e a Morte se estiver disposto a pagar meu preço!

Ele a olhou sem compreender.

— Você é como um relógio quebrado! – sentenciou ela e tirou das dobras da capa o chicote de couro de cobra — Você deve aprender a sentir!

E bateu-lhe com o chicote. Ele sentiu as tiras de couro rasgarem suas carnes e sentiu o fogo da dor queimando até gritar e mais além. Ela o atormentou e gritou seu crime.

Os dias e noites de tormento continuaram em uma crescente de dor e desespero.

Implacável, ela o olhou, acorrido a um canto, um arremedo de homem, mas ela sabia que os piores monstros na realidade eram Humanos!

Este era um novo tipo de homem, um novo monstro, que não sentia pena, nem culpa nem misericórdia!

— Você sabe o que tem que fazer! — ela sussurrou sorrindo.

Ele sabia! Abriu a gaveta da cômoda e retirou o revólver. Estava carregado já. Colocou o cano sobre a têmpora e olhou para ela, havia certo alívio em tudo aquilo. Ela concordou com um aceno de cabeça!

— Quem é você? – perguntou ele antes de puxar o gatilho.

Ela não respondeu. Mas quando a bala o levou ela sorriu e seu sussurro sumiu pelo ar:

— Eu sou a Caçadora de Monstros!





HELSING APRESENTA O POEMA

O CAÇADOR

POR CLEBER GIMENES FREITAS

Sinopse: O poema fala de um caçador, ou melhor, de um caçador-adolescente que destrói monstros durante a noite e pela manhã vai à escola. Nesse poema, terror e humor se misturam. O lúdico também está presente, já que o poema foi escrito inicialmente para fins didáticos, para ser utilizado em uma oficina de leitura e escrita criativa.

Cleber Gimenes Freitas é graduado em Letras e Filosofia e pós-graduado em Educação Especial na área de Altas Habilidades/Superdotação. Atualmente é professor de Língua Portuguesa na rede municipal de São Paulo.



Saí de casa na madrugada,
andando à toa por aí.
De repente, no meio da estrada,
dei de cara com um zumbi.

Acelerei o passo, assustado,
com o zumbi na minha cola,
quando vejo no meio do mato
um vampiro que apavora!

Eu corri com dificuldade,
com os monstros me seguindo.
E, ao chegar no centro da cidade,
uma múmia surgiu sorrindo!

Apavorado, eu disse: puxa,
O que falta me acontecer?
Foi aí que eu notei uma bruxa
Que acabava de aparecer!

Mas o Caçador nunca cochila:
tem medo, mas segue atento.
Eu trazia na minha mochila
todo o meu equipamento.

Um livro que não canso de ler,
cola e um lápis bem apontado,
garrafa de água para beber,
como viram, eu estava armado!

Com o livro acertei o primeiro
E dele não restou quase nada.
Deixei seu crânio rachado ao meio
E pedaços de zumbi pela estrada.

Em seguida o vampiro me ataca
e eu confesso que senti até dó.
O lápis me serviu como estaca
e o sanguessuga virou pó!

Depois disso passou um caminhão
e eu coleí a múmia na rabeira.
Suas faixas se espalharam no chão
e da molenga só sobrou a caveira.

De um livro, famoso entre nós,
veio a ideia de usar minha garrafinha.
E, como ocorre no Mágico de Oz,
com a água eu acabei com a bruxinha!

Não quero parecer arrogante.
Não sou isso, de jeito nenhum.
Mas, uma noite assim, apavorante,
para o Caçador é uma noite comum.

Mas, o dia nasce e eu já estou na escola,
levando bronca do meu professor.
Sem livro, sem lápis e sem cola...
Com sono e com sede, eu sou o Caçador!





HELSING APRESENTA O CONTO

MANTICORA - UMA HERANÇA PARA OS HELSING

POR FRANCIELE BACH

Sinopse: Por trás de uma popular taxidermista há uma caçadora de monstros que quer se manter no anonimato.

Enquanto trabalha em um poodle de uma senhora apegada e afoita, Djamila recebe a visita inesperada de um membro da linhagem Helsing. Ele precisa devolver a segurança a uma cidade e ela precisa de uma manticora em seu acervo.

Franciele Bach é autora do conto "Corpo seco bradador" para a antologia Mombe`urã (editora Immortal) e do romance "Isolde e a profecia de Melchior", publicado independentemente pela editora Letras e Versos; disponível em e-book na Amazon.



Ao retornarem para a recepção, Társo estava na porta com as compras em mãos, porém com expressão atormentada. E não era pela Goreth, mas pelo sujeito que o perseguiu até a loja. O homem de trajes negros tomou a frente e se aproximou de Djamila. Sem hesitar puxou o braço esquerdo dela e levantou a manga da blusa para verificar a existência da marca que o levara até ali. Constatou o nome *Mila Van Helsing* tatuado em forma de cicatriz.

— Mas o que significa isso? — Goreth assustou ao ver a marca.

— Significa que a senhora sabe demais. — Núbio retirou um pequeno vidro de um de seus bolsos, retirou a rolha que o tampava e despejou uma pequena quantidade do conteúdo em sua mão.

— Como ousa? — O tom do recém chegado bastou para que a senhora o contestasse com indignação.

— Indiferente. — Núbio levantou a palma da mão e assoprou o pó que envolveu o rosto da senhora com a fumaça vermelha. Goreth desmaiou e caiu dura no chão.

— O que você fez? — Djamila se abaixou examinando os sinais vitais da Goreth.

— Ela vai ficar bem. O efeito passa em duas horas. Tempo suficiente para mandá-la pra casa e fazer minha proposta.

— Hoje não é um bom dia para propostas.

— É uma mantícora que está tirando o sossego de uma vila em Heliodoro. A criatura já matou animais, moradores de rua, trabalhadores do período noturno e até uma criança que estava do lado de fora da igreja enquanto seus pais assistiam ao culto.

— Como pode ter certeza? Meus pais procuraram por uma dessas a vida toda sem nunca encontrar.

— Testemunhas de diferentes áreas entregaram desenhos similares mesmo sem se conhecerem, quando pedi para descrever o que viram atacar as vítimas. Eles precisam de segurança e você da *peça* em seu acervo. É sua chance de terminar o que seus pais começaram.

— O acervo não é prioridade.

— Contudo te propiciará estudos aprofundados sobre as características da criatura. Será útil para todos os caçadores que virão depois de nós.

— Está bem. Pelos moradores e pelo registro de dados anatômicos que poderei deixar ao estudá-lo.

— Ótimo. Mila... Ligue-me assim quando estiver disponível para visitar a vila. — Passou o cartão com telefone.

— Certo, ligarei. Mas primeiro vou resolver a situação aqui. — Djamila chamou Társio para ajudar a colocar Goreth na poltrona de espera. Társio ficou cuidando dela até que acordasse e voltasse pra casa. Mila voltou pro laboratório para finalizar os procedimentos de limpeza do animal. Núbio desapareceu.

O couro foi curtido em banhos ácidos que dissolveram os resíduos e gordura para preservação da pele. O focinho, orelhas e boca foram feitas de plástico poliestireno. A língua e a cauda foram feitas de poliuretano flexível, e os olhos foram feitos de resina. Todas essas partes foram colocadas no manequim de poliuretano feito a partir de um molde de gesso, antes de por a pele já preparada. Após esses procedimentos, foram feitos os acabamentos que deram o toque de realismo no cão, finalizando a obra duas semanas depois.

Djamila colocou o poodle no carro, e no espaço que sobrou pôs um baú que continha as armas que levaria para a caça da mantícora. Társio a ajudou na hora de entregar o poodle. Goreth não quis recebê-los. Quem os atendeu, foi a filha de Goreth que elogiou o resultado. Társio e Mila então retornaram para o carro e dali seguiria para a loja de artefatos místicos de Núbio, onde haviam marcado de se encontrar.

Társio não quis acompanhá-la, pois não acreditava na possibilidade de captura da fera. Se despediu de Mila como se fosse o último encontro com ela, e em seguida chamou um táxi para voltar pra casa. Mila chegou à loja de Núbio e se preparou com uma antiga armadura de seu clã, adagas, besta e foice. Núbio também se preparou com armadura e escudo, com uma espada feita do metal das armaduras dos antigos Helsing e areia mágica, lançadores de ganchos e tochas.

Seguiram em direção a vila em que ocorreram os últimos ataques. Um grupo de mineradores foi morto dentro de uma caverna e era lá que provavelmente a criatura se escondia. Ao adentrar a caverna mantinham seus escudos em guarda, e com a outra mão lançavam com um equipamento idealizado por Núbio, uma pequena tocha que fixava acesa sobre as pedras iluminando o caminho. Por vezes precisavam desviar seus pés de restos de corpos deixados pelo caminho. Embora fosse dia e a fera repousasse, seu faro era aguçado demais, permitindo-a perceber qualquer presença humana. Pois era a carne que mais a atraía. O odor pútrido do ambiente atravessava as armaduras dos caçadores. Sabiam que a fera estava diante deles. Em meio à escuridão, os olhos do mantícore abriram e iluminaram-se como dois faróis. O canto lamentoso e trovejante ressoou.

Frágeis homens que da luz se afugentam...

Tua face em mim espelha... Na escuridão ela se alimenta...

Espinhos em teu seio queimarão. As minhas asas sobre ti agitarão...

Juntar-se-ão aos pálidos despojos que em meio a terra se desfaz...

Com teu sangue me nutrirei... Para o abismo... Forte eu retornar...

Seu rosto humano foi aos poucos iluminando e deixando a penumbra em que se entocava. O pescoço longo que deixou a escuridão, revelou o corpo de tigre e as grandes asas de morcego. Sua calda de escorpião apareceu e atirou espinhos contra os caçadores, que precisaram se esquivar com rapidez para bloqueá-los. Alguns espinhos ficaram presos nos escudos, e precisaram golpear nas pedras para retirá-los. Conforme corriam atiravam estrelas metálicas a fim de ferir os olhos e as asas da fera. Sem sucesso, o monstro deixou o local com vôo brutal. Mila e Núbio correram em direção opostas para lançar ganchos com arames em seus pés, calda e asas.

Quando conseguiram prender seus membros, o mantícore se debateu até que as asas se livrassem dos arames. Ele se atirou contra a parede de pedras jogando os caçadores ao alto. Quando Núbio rolou pelo chão, arremessou bolas de fumaça sobre a face do mantícore que afetou sua visão e olfato. O monstro ficou furioso, assim não sabia ao certo para onde lançar seus espinhos. Mila escorregou pelas pedras até chegar ao chão. Ficou de frente para a fera que voava em sua direção. No momento em que tentou acertá-la na barriga com a foice, precisou inclinar-se até que ficasse deitada no chão para não ser

esmagada. O mantícore continuou a voar mesmo com o corte na barriga e Núbio viu que Mila ainda estava viva. Notou uma fenda feita pelas unhas da criatura, na altura do peito, em seu traje. O arame que ainda estava preso as patas do monstro esticou e os arrastou. O mantícore avançava em direção a outra galeria mais ampla e irregular. Era por essa passagem aberta acidentalmente que teria libertado a mantícora. Quando atiraram com bestas em direção à cabeça da fera, notaram as formações pontiagudas de cima a abaixo e viram uma oportunidade de matá-la caso caísse ali.

— Vamos ter que deixá-la voar. Atraímos a mantícora até as estalagmites e forçamos a queda. — Núbio aconselhou.

— Tenho apenas mais um gancho. — Mila lembrou.

— Então temos uma chance.

Soltaram os arames que os arrastavam e o monstro voou para cima de uma pedra. Mila correu em direção as estalagmites chamando a atenção do mantícore. Quando ele voou próximo suficiente, Núbio atirou nas formações superiores para desprendê-las e atingir a fera desestabilizando-a. Núbio e Mila lançaram os últimos ganchos, para forçar a descida brusca da criatura. Assim conseguiram derrubá-lo sobre as rochas pontiagudas. Empalado ainda se debatia. Lançou um de seus espinhos e atingiu Núbio no braço, o fazendo gritar. Mila lançou a foice acertando o monstro no pescoço. Só então cessou seus movimentos e sons. Núbio implorou para que ela arrancasse o braço ferido.

O veneno vai se espalhar se você não cortar logo. Vou morrer. Por favor... Depois use isso. Entregou um pequeno vidro com um líquido. Isso vai cauterizar o ferimento.

Ela usou a espada dele para amputar o braço, em seguida despejou o líquido. Núbio desmaiou. Mila precisou arrastá-lo para fora até o carro. Em seguida arrastou o corpo do mantícore, em fim buscou a cabeça e só então retornou para o laboratório.





HELSING APRESENTA O CONTO O SENHOR DA MORTE POR GABRIELLA REBECA

Sinopse: O trabalho dos senhores da morte é visitar cidades e vilarejos à procura de demônios que vivem entre as pessoas e, para isso, não revelam quando as visitas serão feitas, preferem surpreender os moradores durante a madrugada e adotam métodos simples para descobrir sobre a existência de demônios entre eles, como o teste de cicatrização rápida. Acostumados, os moradores sabem exatamente o que fazer quando eles aparecem, mas o medo ainda toma conta das cidades, ainda mais quando entre os senhores está Emanuel Catrom, caçador experiente. Ao receber a visita desses homens, Heron, um ferreiro humilde, consegue passar no teste, mas apenas por alguns instantes, até ser descoberto e capturado. Ao acordar numa masmorra, é obrigado a revelar a sua verdadeira forma, mas acredita que conseguirá fugir de Catrom como já fez com outros caçadores.

Gabriella Rebeca é uma jovem escritora que nasceu em Contagem, Minas Gerais. Adquiriu paixão pela leitura e começou a escrever quando ainda era criança, incentivada por sua mãe, desde então não parou mais. Estudante de Letras e artesã, se aventura no universo literário de terror e fantasia escrevendo contos e romances.



O sino tocou às três horas da madrugada, quando os misteriosos homens, trajando capas azuis, já estavam nas ruas. Os moradores ouviam seus passos e faziam o mesmo ritual de sempre — saíam nas janelas e ofereciam as mãos aos tenebrosos homens a quem denominavam senhores da morte, e estes faziam um pequeno corte nas pontas de seus dedos usando uma navalha. Se o corte cicatrizasse em poucos segundos, significava que acabavam de encontrar um demônio.

A busca por essas criaturas nas cidades não tinha data certa. Os tais senhores não poupavam nem as crianças, se alguma delas apresentasse uma cicatrização rápida, era arrancada dos braços da mãe, amarrada e jogada na carroça imunda.

O destino dos demônios era um mistério, mas havia rumores sobre a existência de uma prisão nas masmorras de um castelo abandonado em algum lugar do mapa. Se o castelo existia de fato, ninguém sabia.

Os senhores passaram de casa em casa e encararam os moradores com olhares impiedosos. Era horripilante ouvir os gritos das mulheres que tinham os maridos levados pelos senhores encapuzados quando descobriam que eram demônios. E mais horripilante ainda era pensar nas atrocidades que fariam com estes homens.

Naquela noite, no entanto, não encontraram nenhuma criatura, mas restavam algumas casas para visitar naquele vilarejo. Jovens curiosos espiavam de cima das árvores à espera de ver algum vizinho ser levado por eles.

Desapontado com a busca sem resultado naquela cidade, um dos homens, Emanuel Catrom, ergueu a navalha e limpou mais uma vez o sangue na bainha de sua capa. Ainda que os moradores aparecessem espontaneamente, dois deles entravam em suas residências, carregando lampiões, para ter a certeza de que não havia ninguém escondido nos sótãos, porões ou qualquer compartimento secreto.

Os senhores da morte se aproximaram, então, da penúltima casa do vilarejo, à qual encararam com desconfiança. Ninguém saiu de lá ou apareceu na janela, o que os deixou em alerta.

Catrom fez sinal para que outros dois dessem uma olhada ao redor e esperou que voltassem. Eles sacudiram a cabeça e olharam para cima, com a esperança de ver alguém fugindo pelos telhados.

Nada.

Então Catrom avançou em direção à porta.

Ele estava sentado à mesa e, nela, duas velas acesas iluminavam um pedaço de papel que ele lia.

Ouviu passos do lado de fora. Deduziu que fossem os tais senhores da morte. Não havia o que temer. Enrolou o papel e o guardou debaixo de uma tábua solta no piso, em seguida assoprou as velas e aguardou no escuro.

Ouviu batidas bruscas na porta. Hesitou por um segundo e decidiu abri-la.

Encarou o homem de olhos escuros diante dele. Usava um capuz igual aos demais. Eram nove, no total.

O homem de capuz franziu o cenho e aguardou em silêncio até que ele lhe oferecesse a mão esquerda. Enquanto três deles entravam em sua casa à procura de mais alguém, o outro pegava a navalha que reluzia à luz dos lampiões. A lâmina cortou a ponta do dedo indicador e ele fingiu sentir dor. Esperou alguns longos segundos até que o homem soltasse sua mão e, quando soltou, os outros já tinham saído de sua casa.

— Mora sozinho? — perguntou um deles.

— Que mulher iria querer se casar com um pobre ferreiro?

Ele ouviu o homem soltar uma risada debochada e virar as costas para ir embora, então entrou e já ia fechar a porta quando alguém a barrou com a bota. Foi obrigado a abrir novamente.

Não gostou do olhar que recebeu.

— Deixe-me ver o corte outra vez, ferreiro — disse o encapuzado.

Ele não demonstrou nenhuma reação. Usou a unha do polegar para fazer um novo corte na ponta do indicador, esperou o sangue se acumular e então mostrou ao homem.

Satisfeito com o que viu, o senhor da morte soltou a mão dele, mas a buscou novamente. Segurou seu pulso bem firme desta vez e esperou, o corte estava lá, mas, alguns segundos a mais e ele começou a sumir.

Ele tentou se desvencilhar dos homens, quando eles o agarraram, e sentiu uma picada no pescoço, então tudo ao redor começou a girar, a visão ficou turva, estava consciente, mas não tinha controle do seu próprio corpo. Viu vultos arrastá-lo para longe de sua casa e jogá-lo num lugar escuro e apertado, meia hora depois percebeu que estava sendo carregado. Seus olhos foram se fechando e ele adormeceu.

A vontade de vomitar o fez abrir os olhos de repente. Havia tochas acesas nas paredes de pedra ao redor e uma mesa a três metros diante dele com instrumentos estranhos que ele preferiu ignorar, devia estar em alguma masmorra. O cheiro de mofo era forte e misturava-se a um cheiro de cadáver. Quase não sentia os dedos das mãos, seus pulsos tinham sido acorrentados acima de sua cabeça, de forma que seus pés mal podiam tocar o chão e uma dor fulgurante percorria seu corpo. Ouviu algo se arrastando em algum lugar do outro lado das paredes. A porta se abriu atrás dele e passos cautelosos vieram ao seu encontro.

Eram dois homens. O primeiro tinha o rosto coberto por um capuz sujo e o segundo arrastava um saco pesado que deixou ao lado da mesa, depois pegou um dos instrumentos de tortura e olhou para ele com entusiasmo para depois largar o objeto no mesmo lugar e caminhar a passos largos até o outro lado e trancar a porta de ferro.

Voltou para junto da mesa e ficou de costas para ele. O homem encapuzado era um gigante de aproximadamente cento e quarenta quilos, mais silencioso que um gato. O que estava de costas soltou um suspiro.

— Diga o seu nome — pediu.

O som parecia ser abafado pelas paredes, o que dava a entender que ninguém ouviria os gritos de qualquer pessoa ali dentro.

— Heron — ele respondeu. Quase não sentia os dedos das mãos.

— Heron... um pobre ferreiro que mora sozinho numa casa... — ele levantou a mão, tentando lembrar de algo e então se virou para Heron. — Ouvi alguns comentários dizendo que incendiaram o buraco onde você morava.

Heron estremeceu de raiva.

— Ficou preocupado? — perguntou o homem. Ele tinha olhos castanhos e era calvo, algumas manchas no rosto e marcas de expressão na testa e no canto dos olhos. Era o mesmo que cortou a ponta de seu dedo com uma navalha. — Devo pensar que havia algo ou alguém escondido lá?

Heron não respondeu.

— Bom, eu não me importo. Mostre quem você é realmente, não há motivos para se esconder, estamos entre amigos.

— Do tipo que acorrenta o outro numa sala de tortura? — questionou Heron.

O homem começou a rir enquanto o outro permanecia imóvel. Em seguida, ele abriu um livro na mesa e escreveu.

— Heron. Trabalha como ferreiro, foi capturado em sua residência... Tem certeza que não havia nada importante em sua casa?

Ele não respondeu.

— Não quer se mostrar, Heron? — O homem estalou os dedos e apontou para Heron, dando uma ordem. — Não precisa economizar suas forças — disse ele, se dirigindo ao gigante encapuzado presente na masmorra.

Heron acompanhou o gigante com os olhos e procurou não demonstrar nenhuma reação quando ele tirou o capuz. O olho esquerdo era uma carne mutilada e uma cicatriz grosseira atravessava os lábios e descia até o pescoço ou mais abaixo.

— Mostre-se — ordenou o gigante. Sua boca abria mais do que o normal e nela havia dentes tão grandes quanto seus dedos.

O homem que estava perto da mesa esperou o gigante desferir alguns golpes no ferreiro para depois falar.

— Só quero ter certeza de que estamos prendendo um demônio. Portanto, preciso que mostre a sua verdadeira forma.

Heron olhou para ele, suas costelas doíam, mas ele respirou fundo e revelou-se. Por trás do pobre ferreiro havia uma criatura alta, de pelo escuro e seis chifres na cabeça. Os olhos eram vermelhos como brasa e olhar para eles deixava o resto da sala escuro, como se absorvessem a alma de quem os encarasse. O demônio arrebentou as correntes que o prendiam e, com o braço esquerdo, segurou o gigante pela cabeça, arrancando-a com a mesma facilidade com que quebrou as correntes, depois virou para o homem que o observava.

— Vai ser divertido quando eu contar a todos que matei um dos senhores da morte — disse o demônio.

Ele colocou as mãos ao redor do pescoço de Catrom, pronto para esmagá-lo, mas não faria como fez com o gigante, faria lentamente para que o caçador sofresse.

Catrom sentiu a garganta fechando cada vez mais enquanto encarava o demônio, até vê-lo petrificar completamente.

O demônio olhou para baixo. A mão do caçador estava dentro de seu peito, ele havia enfiado as unhas lá, por baixo do esterno, enquanto era sufocado, cravando os dedos em seu peito até alcançar o coração.

— Quem é o demônio agora? — disse Catrom, e arrancou o coração do demônio, sem dar a ele a chance de responder.

A criatura caiu no chão e o som foi abafado pelas paredes da masmorra.

Catrom pegou o livro do chão, colocou o coração do monstro no meio das páginas e saiu, levando-o consigo.





HELSING APRESENTA O CONTO

ANTÔNIO SPADONI - O CAÇADOR DE DEMÔNIOS

POR ADEMIR PASCALE

Sinopse: O que você faria se descobrisse que 10% da população sobre a Terra não é de humanos? E que, dos heróis nada convencionais que nos protegem, alguns ainda detêm dons especiais?

Marcas foram deixadas na história: o pintor e poeta William Blake tinha estranhas visões de anjos e demônios, muitas das quais retratadas em suas ilustrações. Jim Morrison, vocalista do The Doors, enxergava mais do que a maioria das pessoas, e isso ficou registrado em suas letras e até no próprio nome da banda. Robert Johnson teve uma ajudinha sobrenatural para se tornar um dos maiores guitarristas de todos os tempos.

Ademir Pascale é Paulista, escritor e ativista cultural. Editor da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br>). Membro Efetivo da Academia de Letras José de Alencar (Curitiba/PR). Chanceler na Academia Brasileira de Escritores (Abresc). Participou em mais de 40 livros, tendo contos publicados no Brasil, México, Portugal e França. Criador e organizador do livro "Possessão Alienígena" (Editora Devir). Fã nº 1 de Edgar Allan Poe, adora pizza, séries televisivas e HQs. Autor do romance "O Clube de Leitura de Edgar Allan Poe" (Editora Selo Jovem) e autor convidado do novo livro "Aquela Casa" (Editora Verlidelas).

Contato: ademirpascale@gmail.com



No alto da igreja, como uma gárgula, ele visualiza os poucos transeuntes que perambulam nas ruas mal-iluminadas do seu bairro. Ele olha para as janelas de algumas casas e consegue ver a movimentação rotineira das famílias em seus lares: muitos estão vidrados, acomodados em seus sofás, assistindo algum programa na televisão que tem como objetivo apenas fazê-los ainda mais consumistas. Num sobrado, através da janela de um quarto, ele verifica a briga diária de um jovem casal.

Eles não imaginam o que está acontecendo lá fora e muito menos sabem que demônios caminham disfarçados sobre este planeta desde tempos imemoriais.

Ele tenta manter o controle das coisas. É difícil, bem difícil, mas faz o possível e algumas vezes até o impossível para atingir os seus objetivos.

Um bilhete amassado dentro do seu bolso é retirado. Ele confirma mais uma vez o endereço de um bar que deve visitar ainda essa noite. E com uma agilidade incrível, desce do parapeito até o chão.

Caminhar a noite traz lembranças indesejáveis, da época em que ele era um garoto de rua, solitário, faminto, sem dinheiro e sem esperanças. Perdera os pais quando tinha apenas três anos. Maldita morte que leva os bons e deixa os maus. Chegou a cheirar cola inúmeras vezes para se esquecer do abuso sexual que sofrera do pai adotivo. Entre os nove e doze anos de idade, fora preso quatro vezes por roubar à mão armada. E em todas as quatro vezes apanhou muito, pois os policiais sabiam que ele não ficaria ali por muito tempo.

Ele aprendeu nas ruas que nem tudo o que vemos é real. Que muitas pessoas elegantes, bonitas e cheirosas carregavam em suas entranhas um ser demoníaco pronto para destruir.

Ele sabe identificar quem é quem; demônio ou humano, pois além do conhecimento que adquiriu, ele possui um dom muito especial, o que também o difere de outras pessoas: o de enxergar auras.

As auras dos humanos são praticamente iguais e variam pouco em sua tonalidade, dependendo do grau emocional de cada um. As auras dos demônios são idênticas: negras como o abismo mais profundo.

Demônios estão na Terra apenas para instituir o caos e se deleitam com os prazeres mundanos, com as guerras, com o sofrimento e o terror.

O bar estava próximo, num beco escuro e sujo, um local que a maioria dos humanos passariam longe. Por via das dúvidas, esta noite ele se passaria por demônio, e o ingresso para entrar são palavras milenares de uma língua extinta, pronunciadas para o demônio guardião do local.

Ele se aproxima cautelosamente daquele imenso ser em frente à porta de entrada. O guardião traja roupas normais, como os humanos, mas o capuz que usa e a falta de iluminação dificulta a sua identificação. Palavras são pronunciadas. O guardião apenas levanta a cabeça e deixa à mostra seus olhos luminosos. O demônio bufa como um equino, depois empurra a pesada porta de madeira deixando o acesso livre para ele passar.

Uma festa está acontecendo ali. O som está alto, mas ainda é possível ouvir as gargalhadas estridentes. E mesmo acostumado com ambientes assim, o seu coração parece que vai explodir dentro do peito.

Não por estar nervoso, mas sim pela ansiedade em estar logo entre eles para poder matá-los, um a um.

Seu nome é Antonio Spadoni, e ele é um padre de quarenta e cinco anos, mas não um padre tradicional daqueles que apenas celebram missas: ele é um caçador de demônios.

— Me dá a bebida mais forte da casa — disse Spadoni ao demônio barman, que sorri mostrando seus dentes amarelados, depois despeja simultaneamente a bebida de duas garrafas num copo.

O líquido desce quente em três goles. Ele pede mais e enquanto o barman prepara o drink, o padre olha o ambiente. Bem lá no fundo, ele consegue identificar Berith, demônio que sabe tudo sobre o passado e que prevê o futuro, parceiro inseparável de Paimon, temido e poderoso demônio, comandante de mais de duzentas legiões de demônios e um dos braços direitos de Samael, o rei do inferno. Além deles, cerca de cinquenta demônios se divertem com prostitutas humanas. Certamente elas não sabem que os ocupantes daqueles corpos são temíveis e milenares monstros, loucos famintos por almas humanas.

Spadoni já tinha observado a dupla em ação e pode defini-los como Berith sendo o “cérebro” e “Paimon” os músculos.

Ele deve ficar longe da vista de Berith e agir no momento certo. Para ele que é um experiente caçador, cinquenta demônios não são nada. O problema mesmo será Paimon.

Um breve silêncio no salão, com ressalva de gritinhos ofegantes das prostitutas e copos de vidro vazio batendo sobre as mesas. Todos ficam mais agitados e sorridentes quando um demônio coloca uma ficha na Jukebox e seleciona a faixa *Sympathy For The Devil*, do Rolling Stones, menos o padre que pensa numa estratégia para pegar todos sem que as moças saiam feridas.

Cautelosamente ele vai até o corredor principal, local que todos devem passar ao sair. Uma fileira de sal, de ponta a ponta, é feita no chão. Demônios não ultrapassam fileiras de sal, portando, ali será uma ótima barreira para que fiquem aprisionados apenas com o seu executor: Spadoni.

Ele caminha calmamente entre os demônios. Empurra com violência um deles da cadeira e sobe sobre uma das mesas. Retira a jaqueta de couro, deixando sua batina negra à mostra, depois puxa sua espada, que estava acoplada num suporte de couro nas costas.

Alguns demônios ainda não viram o homem de batina. Spadoni pega uma garrafa de whisky que estava sobre a mesa e a atira na Jukebox. Acabou o som. Todos olham furiosos para o padre. Ele range os dentes enquanto retira de um bolso interno da sua roupa uma pequena garrafa contendo um líquido incolor, rosqueia e retira a sua tampa, para logo em seguida respingar o seu conteúdo nos que estão próximos.

Fumaça.

Odor de carne queimada.

Água benta sempre foi muito eficiente nesses casos.

O que padre Antonio Spadoni nunca entendeu foi por que os demônios nunca gostaram de usar armas. Eles preferem os punhos e os dentes, talvez para saborear ainda mais a carnificina. Mas isso era uma vantagem para ele que é um exímio espadachim. E sua espada não é tão simples como qualquer outra, ela fora benzida por doze padres, tornando-se num instrumento poderoso contra as forças do mal.

Spadoni poderia usar armas de fogo. Seria muito mais fácil meter na testa de cada um daqueles demônios uma bala benzida em água benta. Mas ele também sente prazer em usar a sua espada. Fora isso, sua agilidade também não o difere muito de um franco atirador.

Os segundos passam lentos. Spadoni vê a feição demoníaca de cada um. Suas auras negras infestam o ambiente. As prostitutas ainda não entenderam que aqueles que

aparentam homens não passam de terríveis e sanguinários demônios. Berith empurra as três prostitutas que estão sobre ele, puxa a calça para cima, fecha o zíper e se levanta da cadeira. Paimon já está de punhos cerrados, mas a primeira ordem do líder foi a de sair pela porta dos fundos. A segunda foi para os demônios trucidarem o padre.

Spadoni sorri e sente prazer em enfrentar a morte armado.

Mesmo tendo confiança que vencerá àqueles asquerosos seres, ele sabe que poderá morrer se errar um mísero golpe.

Ele segura as duas mãos com firmeza na bainha da sua espada na altura do seu umbigo, aponta a arma para frente, depois gira o corpo na velocidade de um relâmpago.

Nove cabeças são decepadas.

As prostitutas param de sorrir ao ver a violência e ficam atônitas em notar que o sangue derramado daqueles homens, não possuem a cor vermelha, mas sim, negra.

Spadoni salta da mesa com sua espada nas mãos e divide ao meio o primeiro demônio em sua frente. Golpes certos o afasta de dentes sedentos por carne humana. Uma pesada cadeira de madeira é atirada. Ele cai e sente o chão girar, mas ainda segura com firmeza a sua arma. Os demônios se atiram sobre ele. Unhas e dentes pontiagudos arranham e fincam em sua carne. E com força sobre-humana, ele se ergue em meio aos demônios e grita de tal maneira que todos do salão estremecem. Suas veias salientes e pulsantes. Seus olhos arregalados. Seus dentes à mostra. Alguns demônios rastejam para longe daquele homem. Os mais corajosos tem membros decepados. As prostitutas correm e passam pela fileira de sal. Estarão seguras lá fora, exceto pelo guardião que continua em pé, estático em seu posto.

Como uma máquina mortífera, Spadoni desfere golpes até o último demônio cair no salão. Mas ele sabe que ainda resta mais um escondido atrás do balcão: o barman.

O padre caminha lentamente. Seus passos são leves e não causam ruídos. Ele sangra e seus braços estão cobertos por ferimentos, mas a dor é o gás necessário para fazê-lo ainda mais furioso.

— Saia do teu esconderijo, demônio maldito. Chegou o dia em que retornará para tua morada, bem ao lado de Samael, lugar do qual nunca deveria ter saído — esbraveja Spadoni.

Mas ele, experiente caçador de demônios, servo de Deus, também erra e seu excesso de confiança quase o faz perder a vida, não que ele dê valor à ela, mas simplesmente pelo fato de errar depois de mais de quarenta anos enfrentando o mal.

BUUUMMM!!!

Ele sentiu o calor da bala calibre 12 passar próxima ao seu olho esquerdo.

Para ele, demônios não usavam armas, pelo menos até segundos atrás. O barman estava pronto para dar o segundo tiro e provavelmente não erraria.

Tempos modernos, pensamento humorado e inoportuno para àquele momento que exige uma rápida ação.

Spadoni atira sua pequena adaga de prata e perfura o olho direito do demônio. Ela não estava benzida, mas foi tempo suficiente para alcançar e retirar a arma do atirador.

A espingarda é jogada no chão.

Spadoni recoloca a sua espada em seu suporte.

O barman, sangrando à sua maneira, continua em pé e sem ação.

1,2,3,4,5,6,7,8,9. Esta é a quantidade de vezes que Spadoni bateu a cabeça do demônio no balcão, até ela deixar de ter uma forma definida.

Sim, por incrível que pareça, eles também possuem cérebro. Mas Spadoni já sabia disso.

Ele pega a arma no chão, uma espingarda com o cano serrado, e caminha desviando dos corpos no chão e vai até a porta de entrada, que está aberta.

Spadoni verifica rapidamente a situação e nota que o guardião está com as seis prostitutas presas, sendo três em cada um dos seus poderosos braços.

Parece que o demônio vai tentar negociar com o padre a soltura delas...

— Padre desgraçado, posso soltar cinco delas, mas levarei uma comigo, mas tenho algumas condições. Eu...

BUUUMMM!!!

Esta noite o padre fez algo inusitado: usou pela primeira vez uma arma de fogo. E se deu muito bem.

O guardião errou em tentar negociar, pois Spadoni nunca negocia com demônios.

As garotas estão salvas e não tem tempo em agradecer ao padre. Elas correm desesperadas, exceto uma que caminha lentamente olhando para o chão.

Spadoni está acostumado com isso: os heróis reais são bem diferentes dos heróis dos quadrinhos e dos seriados da tevê. Não existem mocinhas que se jogam em seus braços, não que ele queira isso, pois fez voto de castidade. Mas um obrigado de vez em quando seria bom.

As dezenas de cicatrizes espalhadas pelo seu corpo clamam por isso.

Mas ele mergulha mais uma vez na solidão e caminha entre as sombras até chegar na porta dos fundos da sua igreja. No ofertório, o padre retira um bilhete amassado. Ele sabe que ali está o endereço do próximo local que deverá visitar. Ao longe ele consegue visualizar o informante de costas e com um capuz sobre a cabeça, que sai apressado.

Spadoni não sabe quem ele é. Podem ser anjo ou mesmo um demônio aliado. Ele só sabe que as informações chegam até ele sempre desta maneira: num bilhete amassado que é colocado todas as noites no ofertório da sua igreja. De qualquer forma, àquele informante sabe que ele é um caçador de demônios e que está neste planeta apenas para combatê-los.

Quantos mais existem neste mundo? Quantos caçadores arriscariam a sua vida no anonimato para proteger outras vidas? Indagações que ficam sempre no vazio...

Ele verifica o local que deverá visitar e nota que não é tão longe dali. Um prédio residencial aparentemente comum.

Hoje ele está cansado e ferido, mas não lhe falta coragem para morrer. Enfrentar demônios sozinho é um trabalho arriscado e insano. Mas isso já se tornou num vício. É como um alcoólatra que diz que vai ingerir seu último copo com água ardente, mas que no dia seguinte repete a mesma promessa. Spadoni só pensa nisso: caçar demônios. Caçar demônios. Caçar demônios... Sua mão fica trêmula quando passa um dia sem o seu ofício. Parece que lhe falta ar ou que algo está errado e fora do lugar. Ele se sente completo quando sai às ruas e chega ao seu local de destino. E cada cicatriz em seu corpo corresponde a um prêmio que carregará consigo até o último dia da sua tortuosa vida.

Ele se esquece constantemente que é um servo de Deus. E quando isso acontece, ele segura com firmeza o crucifixo que carrega no peito, símbolo daquele que morreu para salvar a humanidade, um dos maiores caçadores de demônios que já existiu: Jesus Cristo.

Isso injeta óleo em suas engrenagens desgastadas. Ele caminha mais rápido, mas mesmo o local sendo próximo, parece que seus largos passos nunca chegam ao seu local de destino.

Ele está ansioso e acabou se esquecendo de ingerir os seus comprimidos. E isso não é nada bom.

A fúria toma-lhe o corpo e o possui de maneira devastadora.

Número 222. Spadoni nota estranhas inscrições e símbolos acima da porta de entrada do prédio. Embora seja uma língua semelhante, não é aramaico.

Spadoni entra. Não há ninguém na portaria e o silêncio absoluto o preocupa, pois demônios são barulhentos e desordeiros. Mesmo assim ele caminha pelo corredor central em busca de alguma pista. O luxo está por toda parte e obras de arte estampam as paredes. Spadoni notou que todos àqueles quadros pertencem a um único artista e verifica com assombro um deles.

— William Blake é o autor destes quadros. Este do qual você tanto olha é “O grande dragão vermelho e a mulher vestida de Sol”. Blake foi o único ser humano que conseguiu ver a real aparência de nós demônios. Este retratado no quadro é o meu parceiro Paimon — disse Berith ao padre que já está com sua espada em mãos.

— Demônio maldito, não sabia que vocês também gostavam de arte. Mas isso irá durar pouco tempo, pois logo o mandarei de volta ao inferno — esbraveja Spadoni num mar de fúria.

— Em sua cabecinha humana você acha mesmo que poderá nos enfrentar para sempre? Quantos anos mais você viverá? É claro que você não sabe, mas eu sei, mas não vou te contar, só digo que estou na Terra há milênios e nenhum outro caçadorzinho foi capaz de fazer eu retornar ao inferno. Paimon!

Quando Spadoni percebe que não está só com Berith, já é tarde. Paimon derruba a sua espada com um único golpe do seu braço esquerdo, o segundo foi um soco duro e seco em seu queixo. No chão e completamente atordoado, ele cospe sangue, além de alguns dentes. Outros demônios chegam e o cercam. Desarmado, Spadoni começa a gargalhar. Ele sabe que algo está errado e que os comprimidos que não ingeriu são os malditos culpados.

— Berith, esse padre é louco? — pergunta Paimon.

— Não, Paimon, aqui na Terra eles chamam isso de transtorno bipolar. Fora isso, ele não tem medo da morte e falta-lhe alguns parafusos. Mas a gente pode fazer ele sofrer... bastante! — Berith cruza os braços e ordena para que Paimon faça o que ele faz de melhor.

Paimon se joga e cai de joelhos sobre as costelas de Spadoni. Som de ossos se quebrando. O padre coloca as mãos sobre o peito e dá um longo suspiro, para depois gargalhar ainda mais. Vidros são estilhaçados no chão. Os demônios rasgam a batina do padre e retiram a sua camisa. Paimon o arrasta pelos cabelos sobre o vidro deixando um rastro de sangue.

Spadoni, quando tem essas crises, se esquece de quase tudo, até de quem ele é. E quanto mais Paimon o arrasta sobre o vidro, mais ele sorri. A pequena garrafa de água benta em seu bolso é quebrada. A adaga de prata presa no cinto é inútil, pois ele nem sequer se lembra que ela está ali.

— Pare, Paimon, isso não vai adiantar. Vamos ver se ele vai continuar sorrindo depois do que faremos com ele. Sente-o na cadeira e retire os seus sapatos. Depois me dê um martelo.

Geralmente Berith apenas comanda, mas desta vez ele será o torturador. Ele chega próximo ao padre, que mesmo com os olhos lacrimejando, continua sorrindo. Levanta o martelo acima da sua cabeça e o desce com velocidade até atingir um dos dedos do padre. Esmagado.

Spadoni urra e cospe sangue, mas o que ele pronuncia em seguir é difícil de compreender. Berith encosta o seu ouvido na boca do padre para ouvir melhor.

— Ainda... ainda... ainda restam nove dedos... hahahahahahahahaha.

Em milênios, nenhum daqueles demônios jamais viram Berith tão furioso. Ele pega a espada do padre e está pronto para desferir o golpe que irá separar a cabeça de seu corpo. Spadoni olha para cima e vê no teto uma forte luz se aproximando.

Seria a luz da qual tantas pessoas falam quando estão à beira da morte?

Um estrondo faz Berith deixar a espada cair. Ele não previu isso, pois perdeu a concentração com o padre. Um opala preto e com os faróis altos arrebentou a porta da entrada e invadiu o salão do prédio.

Todos ficam estáticos quando uma jovem garota de cabelos curtos, meia-calça preta rasgada e coturnos, salta do veículo com duas armas em punho.

Ela tem uma ótima mira e os demônios vão tombando, um a um.

Berith foge com Paimon, pois acabou de prever que o seu futuro não será nada bom, caso continue no prédio.

— Acabou, padrego, não restou nenhum, a não ser os dois covardes que fugiram. Apóie-se em meu ombro e vamos sair daqui — Spadoni se levanta com dificuldade e começa a se recordar do que ele realmente foi fazer ali. Ele segura o seu crucifixo e olha para a garota.

— Eu... eu a conheço... Você não é uma das prostitutas que estava lá no bar com os demônios?

— Sim, padrecó, e você acabou com tudo. Minha intenção era explodir àquele lugar e mandar todos de volta para o inferno. Mas você chegou e adeusinho plano.

— Então... você também é uma caçadora de demônios?

— Não, sou teu anjo da guarda. É claro que sou uma caçadora de demônios. E muito bem precavida e com balas benzidas em água benta. Agora vamos sair daqui antes que a polícia baixe por aqui. Vai ser difícil fazê-los entender e acreditar que esse monte de traste são demônios.

Spadoni olha para a garota e descobre que nem tudo está perdido. Pelo menos por enquanto...





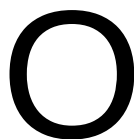
HELSING APRESENTA O CONTO
O CHEIRO DO FOGO
POR GISELE WOMMER

Sinopse: Um monstro conhecido no território nacional faz muitas vítimas em muitos lugares. Há uma família com o dom centenário de caçá-lo. Alana Bencatel é a primeira mulher que embrenha-se nas matas e não tem medo de ficar frente a frente com o perigo, dedicando sua vida a caçar monstros e salvar vidas humanas.

Gisele Wommer é formada em Letras, tem a literatura por rotina, seja lendo ou se dedicando a contos e romances, a maioria na temática dark. É autora de Ao Cair da Neblina, organiza e tem contos publicados em mais de 50 antologias. Gaúcha, mora em Cachoeira do Sul com o marido Fernando e a filha Anita. É professora da rede pública municipal há mais de 10 anos.



fogo tem cheiro?



Cheira a queimado, tem cheiro daquilo que queima.

Alana Bencatel sentia o cheiro do fogo de longe, era inconfundível, ardia suas narinas, por vezes, marejava seus olhos. Quanto mais próximo ao perigo estava, mais forte o cheiro ficava.

Nem sempre o cheiro vinha sozinho. Às vezes o fogo queimava pano, carne, ossos. Nessas horas Alana sabia que havia chegado tarde demais.

Se ela gostava daquela vida? Nunca importou. Quando nasce um Bencatel o destino é um só. Ela era a primeira mulher, ainda uma criança quando o pai percebeu que Alana havia herdado os dons centenários da família, ao invés dos irmãos. O escolhido, porém, não tinha lar, não tinha vida. Gastaria a sua juventude e sua saúde de pocilga em pocilga, de cidade em cidade, onde quer que houvesse resquício do fogo mítico. O escolhido arriscaria a pele caçando monstros.

As estatísticas não mentem. No Brasil cerca de 200 pessoas desaparecem por dia. Alana sabia que algumas delas jamais seriam encontradas, nem mesmo um único vestígio para contar seus últimos minutos de vida.

Mas isso não é de hoje. O primeiro Bencatel com o dom se chamava Armando. Ele veio de Portugal para o Brasil acompanhando os padres jesuítas em 1560. Quando o padre Anchieta se preocupou com o facho cintilante que aparecia à beira do mar e dos rios e matava os índios em instantes, Armando Bencatel saiu em descoberta do mistério. Encontrou o que procurava. Confirmou a existência do Boitatá. Registrou seus estudos em um diário e desenvolveu uma tática de caça e extermínio. Assim, sem saber, desgraçou todos os seus descendentes.

De geração em geração, o livro de Armando foi passando de mão em mão. Atualmente o pai de Alana o mantém em segurança, junto com um mapa na parede marcado de caneta as diversas cidades da América Latina, por onde cada Bencatel encontrou seus monstros ao longo de mais de 500 anos. Alana já está escrevendo no oitavo diário Bencatel. Via de regra: registrar cada encontro com o Boitatá para que as gerações futuras possam aperfeiçoar os conhecimentos e aprimorar a caça.

Muitos caçaram a besta, mas nenhum conseguiu explicar de onde ela vem ou como se origina.

A princípio, o Boitatá não é mais do que uma cobra grande. Durante o dia vive escondida pelos matos e sarjetas, não enxerga praticamente nada. Possui uma pele escamosa esverdeada, com marcas brancas e pretas. Durante as noites não se vê cor. O bicho transforma-se em uma lavareda de fogo e sua visão não deixa nada passar despercebido em um raio de quilômetros. É quando o monstro caça. Suas presas, que normalmente são pessoas, não têm chance alguma de defesa. São esmagadas e queimadas ao mesmo tempo. Às vezes engolidas e cuspidas dias depois, em que já não passam de ossos chamuscados.

Os descendentes de Alana sempre encontravam a besta nas matas, nos campos. De alguns anos para cá, os registros têm acontecido cada vez mais perto das cidades.

A internet ajuda Alana em suas caçadas. Ela sempre procura por pessoas desaparecidas. Normalmente, mais de uma na mesma região. O segundo indício é um incêndio em alguma mata, o fogo inexplicavelmente começa nas noites. Assim Alana sabe que um monstro faminto não vai parar enquanto não causar muito estrago.

Nos últimos dias estava procurando rastros nas proximidades da cidade de Coxim, Mato Grosso do Sul. Alana não era discreta, nenhum Bencatel era. Trajava uma roupa de couro revestida de lã, calças, botas, casaco, não importava a temperatura do dia. A lã dificultava a ação do fogo, dava a chance de se aproximar do monstro sem se queimar e protegia em caso de um leve contato.

Para lembrar do perigo Alana trazia no pulso uma cicatriz em alto-relevo. Nas primeiras caçadas, quando usava manga curta, um Boitatá espichou a língua e enlaçou seu pulso. Foi a maior dor que ela sentiu na vida e, se o pai não estivesse presente, talvez Alana nem mesmo estivesse sobrevivido. Daquele dia em diante aprendeu que o bicho usaria a língua como defesa e agora seu traje contém placas de ferro por dentro dos punhos em ambos os braços. Esquenta, mas não queima a pele.

Durante a tarde Alana andou pelos campos, nas proximidades da mata que queimou. Tocou a grama onde se formava uma valeta, sinal de que algo pesado havia sido arrastado por ali. Seguiu o rastro quando a grama começou a ficar seca, chamuscada. Parou na mata próxima e sentou-se na sombra para aguardar o entardecer. Já havia dado

sorte de encontrar o monstro quieto de dia, dormindo, roliço com um cadáver que deglutia lentamente, porém não parecia ser o caso daquela vez.

A caçadora carregava um spray de citronela, preparado pelo pai para alguma emergência. O cheiro afugentava o animal.

Alana conferiu a munição no revólver. Enrolou o laço na posição de costume. Assim que o dia começou a virar noite ela cantou alto na beirada da mata. Uma canção que aprendeu na infância, imitava com a língua um chocalho e emitia um som inumano. Ninguém sabia bem o que era aquilo, mas funcionava desde a primeira vez. Desde aquela tarde quando ela tinha oito anos que o pai saiu para o quintal desconfiado da canção macabra e Alana se encontrava rodeada por quatro cobras enormes, que pareciam estar hipnotizadas com sua canção.

Um Bencatel com poder de atrair o monstro. Novidade.

Era um talento útil, facilitava a caçada. Diferente de seus ancestrais Alana nunca perdeu horas procurando o Boitatá, com sua canção ela chamava e se ele estivesse por perto, sempre vinha. Mas, nunca se comportou como as cobras comuns, nunca se deixou hipnotizar, pelo contrário. O eco da cantoria despertava a fúria do monstro.

Não foi diferente em Coxim. Alana aumentou o tom de voz logo que sentiu o cheiro do fogo. Ao longe viu galhos se quebrando, plantas sendo dobradas. Ele estava perto.

— Aí está você! Cai dentro, bobão!

A caçadora flexionou os joelhos assim que viu a lavareda mágica sem fumaça. No punho esquerdo enrolou a língua do bicho assim que ele tentou lhe atingir, com a mão direita, em um único movimento estralou o chicote de aço e segurou firme. Quando o monstro rolou para escapar das chicotadas acabou com o corpo irremediavelmente enlaçado.

Alana sabia que essa era a parte mais difícil. A criatura recolheu a língua e passou a emitir sons, o fogo ficava mais forte, ela tinha que segurar no braço. Despejou o spray de citronela, o animal foi perdendo as forças. Alguns custavam mais, outros menos, mas no fim todos eles voltavam ao formato original de cobra. Enquanto tinham o corpo em chamas eram inatingíveis, quando o fogo se apagava, podiam ser exterminados como uma cobra qualquer.

A arma era o método mais seguro. O tataravô de Alana morreu ao tentar matar uma cobra a pauladas. Assim que se desvencilhou do chicote o fogo tomou conta do corpo do animal mais uma vez, carbonizando o homem em pouco segundos. Uma lição para as próximas gerações: não afrouxar o laço.

Alana pegou a arma no bolso traseiro e fez mira com a mão esquerda. Apenas um tiro no meio dos olhos e o famoso Boitatá não passava de uma cobra morta.

A caçadora recolheu os materiais, arrastou o corpo do animal até um rio e o jogou lá dentro. Limpou do local qualquer vestígio de luta. Depois embrenhou-se na mata escura, seguindo rastros e fazendo o caminho do monstro.

Ao amanhecer encontrou os ossos carbonizados. Eram grandes e pequenos. Uma mão negra tinha os dedos cerrados ao redor de um punho pequeno. Achou Ana Limeira e a filha Sofia que haviam saído para passear ao entardecer e sumiram. Alana chorou e não foi a primeira vez. Arriscava a sua vida para proteger pessoas, mas só podia agir depois que alguém morresse. Aquilo era o que em gerações nenhum Bencatel conseguiu fazer, localizar o monstro antes dos ataques.

Enquanto enterrava os ossos pensou na família que fez um apoio emocionado na televisão e nunca saberiam de fato o que aconteceu com Ana e Sofia. Tinha vontade de ligar e dizer que perdessem as esperanças, que elas estavam mortas e jamais voltariam para casa, mas não podia. Permanecer anônimo, não parecer suspeito, eram os mandamentos dos seus ancestrais.

Voltou à pocilga na qual estava hospedada e tomou um banho frio. Deitou-se na cama, ia descansar quando o canal de televisão anunciou uma dupla de ciclistas desaparecida em uma estrada no interior de Minas Gerais, exibiram um vídeo gravado pelos dois e enviado pelas redes sociais onde mostravam uma cobra gigantesca.

Alana levantou-se e colocou as coisas na mochila. Poderia tentar dormir no caminho.





HELSING APRESENTA O CONTO
MONSTROS EM PELE DE HOMEM
POR SIR_LEMONPIE

Sinopse: enviada as profundezas densas em floresta e cafezais do Brasil da república velha Poppy Van Hellsing, caçadora de monstros e veterana da Grande Guerra se vê caçando monstros familiares, alguns de um tipo que ela nunca mais desejava encontrar.

Sir_Lemonpie (Henrique Carvalho Iwamoto) é estudante no curso de história da USP, ele se interessa profundamente por fantasia, ficção científica, e filosofia, nutrindo grande interesse e fascinação pela arte da escrita, que por vezes lhe parece algo sólido e estruturado, organizado e belo, apenas para, no momento seguinte, se desmanchar no ar.



Assim era um ghoul. Um corpo cuja essência já não mais o habitava, mas que ainda assim, movia-se. Um ser nascido da morte, vazio. Restos prometidos aos vermes, mas que se recusavam a desaparecer.

E, o tipo de caça que Poppy Van Helsing nunca negava.

Para a maioria dos caçadores a Grande Guerra gerara caça a ghouls suficientes por uma vida inteira. Algo sobre caçar outros humanos, mesmo que somente a carcaça deles, mexeu com a cabeça de muitos.

Mas, Nossa Senhora Do Bom Descanso não era a terra de ninguém. Ali não haviam as bombas martelando dia e noite enquanto os ratos se esgueiravam em meio a mortos e vivos. Não havia a eterna mistura de sangue, barro e merda que empoçava nas trincheiras estreitas demais. Não, Nossa Senhora do Bom Descanso era lar de uma paz que agora só podia ser encontrada no novo mundo, onde a dor de uma geração inteira, exterminada pela ambição de reis, imperadores e césaes, não existia.

E, embora isso fosse óbvio como a luz do dia, o pensamento ainda lhe trouxe conforto. Sua mão parou de tremer, fazendo-a se perguntar quando havia começado. — É ali. — A voz do capitão cortou seus pensamentos como uma faca. Poppy notou que as carroças haviam parado e seus acompanhantes desciam hesitantes delas, os olhos arregalados vasculhando a vegetação densa, enquanto as mãos deslizavam sobre terços. — O quilombo é mais para dentro, um quilometro e meio mais ou menos.

— A estrada acaba aqui? A caçadora olhou ao redor. Ali houvera uma feira até recentemente, com algumas construções improvisadas ainda de pé em meio a uma grande área aberta. — Por que não segue até a vila?

— Porque ninguém, em toda Nossa Senhora Do Bom Descanso, levaria uma carroça até lá — disse o oficial, tirando o chapéu e coçando o couro cabeludo.

— Mas levava até aqui?

O homem grunhiu, irritado. Poppy não sabia dizer se era seu sotaque forte ou as perguntas que o desagradavam mais.

— O povo não é burro, dona Van Helsing, todos sabiam que era melhor não se aproximar muito daquela gente. E não estavam errados, veja o que aconteceu.

— Mas comprar e vender deles não era problema, mesmo sem a bênção do coronel?

O oficial fez cara feia para ela.

— Meu pai... o coronel é um homem magnânimo, dona Van Helsing, a senhora faria bem em se lembrar disso.

Poppy não respondeu, simplesmente deu as costas para o homem e se concentrou em dar ordens aos “soldados” que o acompanhavam.

As duas dúzias de homens não passavam de peões armados, retirados da fazenda do seu contratante, um grupo de mãos armadas, para os habitantes da boa cidadezinha nunca terem dúvidas de quem realmente ditava as regras por ali.

— Em círculo, por gentileza senhores, montem fogueiras ao redor das carroças e fiquem sempre perto delas. Ghouls não gostam de fogo e...

— Ah!

Ela se virou, incapaz de conter a rigidez nos músculos e das mãos, que começaram a se abrir e fechar lentamente.

— Algum problema capitão?

— É surda, mulher, eu disse que o quilombo fica para lá. — Seu dedo se cravou no sol alaranjado que se punha. — É dali que virão, quero meus homens em linha para recebê-los com todo o chumbo que puder ser atirado neles.

— Eu desaconselho a tática, uma linha pode ser facilmente...

— Lembro-me da senhora explicar para meu pa... Para o coronel, que ghouls são bestas sem mente ou alma, movidas pelo mero instinto e fome.

— De fato o são, capitão.

— E que estes mesmo ghouls costumam estar vinculados ao lugar de sua morte ou enterro, ao qual retornam para fugir do sol.

— Minhas exatas palavras, capitão, com ênfase no “costumam”.

— Bela caçadora de monstros é você! Tive a graciosidade de respeitar sua herança com aprendiz do venerável doutor, mas sabia bem que isso é serviço de homem. Você pode ir esperar na carroça.

— E o que farão caso o pior aconteça e sua linha acabe flanqueada?

O capitão sorriu, e bateu no facão que levava ao cinto.

— Capitão...

— Mais alguma reclamação, dona Van Helsing?

— Mirem na cabeça. O homem hesitou, pego desprevenido pela reposta, mas grunhiu positivamente e avançou com seus soldados, aguardando numa linha.

Não eram poucos os homens como o capitão Frederico Amorim Neto, rápidos em seu descaso por ela. Os mesmos distintos cavalheiros que a enviaram para lá duvidaram anos antes. Mas o trabalho de um caçador de monstros requeria algo que transcendia a estúpida barreira do gênero: havia um terror sempre presente, um risco de terminar muito pior que meramente morto, e ela o conhecia bem.

Por isso ela sabia que viriam rápido, atraídos pelos sons, pela luz e pelo cheiro. Viriam o mais rápido que seus músculos e tendões mortos podiam levá-los.

E viriam por todos os lados.

Um ghoul não se preocupava nem pensava, no entanto, um bando deles tentaria cercar seu alvo, como se, em meio a massa morta de seus cérebros, restasse alguma faísca de inteligência gerada pelo instinto e fome.

Os homens atiraram, mas a maior parte errou, assustados pelos gritos inumanos que deixaram as gargantas mortas. Poppy não os culpava; pesadelos onde gritos similares deixavam as gargantas de milhares de corpos franceses, alemães e britânicos ainda a faziam tremer.

Mas não naquele momento, em meio ao caos e ao horror dos primeiros homens sendo derrubados aos gritos. Suas mãos se moveram com a precisão de um cirurgião e suas granadas caíram sobre os monstros. Nada dos explosivos sinistros, como os que haviam deixado os campos de Flandres cobertos de corpos dilacerados e as ruelas da

Europa infestadas de amputados, mas sim, um brinquedinho especial. Em vez de explodirem estas expeliram uma densa bruma de vapor.

Granadas de água benta. O mero contato com aquilo fez os monstros enrijecerem, como se lembrassem, subitamente, de que estavam mortos. Lentamente os corpos caíram de joelhos e tombaram, como bonecos desconectados das cordas de seus titeriteiros.

Ela sorriu diante do resultado, mas a vitória foi logo substituída por confusão. Subitamente os ghouls restantes deram as costas para o pequeno amontoado de homens assustados e se atiraram de volta para dentro da mata, desaparecendo na direção da vila.

Os homens urraram, em nenhum deles faltava o tremor que ela conhecia bem. Somente o capitão ficou em silêncio. Poppy o observou enquanto ele virava a lanterna de um lado para o outro estudando os corpos.

— Houve uns 12 que fugiram capitão, após o amanhecer podemos lidar tranquilamente com eles com um pouco mais de água benta.

— Não, ela não apareceu aqui.

— Perdão capitão?

— De pé, ratos, vamos terminar o serviço, peguem as lanternas, acabaremos com as bestas em seu covil! — Poppy o encarou confusa. — Você primeiro, e leve mais dessas suas poções, quero tudo acabado ainda hoje.

— Capitão, mas o q...

— Isso não é um pedido caçadora, ande!

Um empurrão grosseiro quase a derrubou no chão. Ela não tentou argumentar depois disso, simplesmente carregou seu rifle com balas, banhadas em prata e avançou.

Avançou seguindo a trilha na floresta, a confusão se transformando em suspeita. Quando atingiram o amontados de cabanas e os homens tocaram fogo na palha seca ela se manteve calada, mas os olhos fixaram-se no oficial, as mãos se abrindo e fechando lentamente.

O fogo logo se espalhou e os gritos anormais dos ghouls em chamas fizeram os homens comemorarem. Mas nenhum ousou colocar os pés dentro da vila, preferindo aguardar pacientemente o retorno do sol e da luz junto da caçadora.

Com o sol, veio a coragem, e o capitão tratou de empurrá-la para dentro da vila em cinzas, seguindo logo atrás com seus homens. O fogo exterminara tudo. Vendo-se seguros os capangas se espalharam, chutando madeira chamuscada e corpos queimados, enquanto riam.

Tudo não, restava algo. Poppy levou o rifle ao ombro, mas logo voltou a abaixá-lo: o ghoull estava destruído demais para ser uma ameaça. O fogo queimara demais os membros, deixando somente o rosto de olhos foscos e o abdômen reconhecíveis.

Abdômen inchado por uma gravidez que nunca chegaria a termo. Os tremores voltaram, mas ela não conseguiu desviar os olhos. Mais do que a mera morte lhe incomodava ali. Suspenso do processo de decomposição, o corpo reanimado exibia os inchaços de uma violência anterior a morte. Seu estômago se revirou e sua mente encontrou respostas que a amargaram demais para mencionar.

Sua sorte foi que ela não precisou, pois, uma vez mais seus pensamentos foram cortados pela voz do capitão.

— Achei a desgraçada. O homem avançou, ignorando a caçadora enquanto avançava na direção do ghoull com um revólver na mão. — Aqui está a bruxa que lançou a maldição, dona Van Helsing.

— Ghoulls não nascem de maldições capitão Amorim, eles são fruto do acúmulo de horror, ódio, medo e dor, nascem de acontecimentos traumáticos e violentos. Ela engoliu em seco. — Eu expliquei isso para você e seu pai.

— É, explicou sim. Sem dizer mais nada ele puxou o gatilho, espalhando sangue e miolos apodrecidos pelo chão. Ao se virar, ele nem mesmo fingiu surpresa ao ver o rifle apontado para seu peito.

— Abaixa essa merda, mulher. Ele a encarou e tentou erguer o revólver, mas a bala o pegou na testa antes disso.

Homens gritaram e tiros voaram às cegas. Mas nenhum pegou em Poppy. Ela correu para a entrada atirando-se atrás da árvore mais próxima, deixando para trás o segundo tipo de granada que carregava consigo.

As explosões e os gritos ecoaram em seus ouvidos. Mas seu trabalho não estava acabado. Lentamente ela retirou as balas banhadas em prata do rifle, substituindo-as por

chumbo comum. O covarde do capitão não faria nada como aquilo sem a ordem direta do pai. Respirando fundo, Poppy Van Helsing empurrou o ferrolho de sua arma e partiu para Nossa Senhora do Bom Fim.

Ela era uma caçadora de monstros, e ainda havia um último monstro para caçar.





HELSING APRESENTA O CONTO

O CAÇADOR

POR ROZZ MESSIAS

Sinopse: um caçador é chamado por um amigo para desvendar acontecimentos sobrenaturais em uma pequena cidade do interior. Entre descobertas sobre gárgulas, demônios e oferendas, surge um novo caçador.

Rozz Messias é contista, poeta e antologista. Autora dos Planos de Aula da Revista Nova Escola, de "Papai, Tem Monstro?", "Entrelaçados", "Ao Seu Encontro", "Encontro com a morte", "Contos de suspense e de morte", "Lamentos Noctívagos" e "Poetizando. Premiada duas vezes pelo Concurso Literário de Colombo e outra pelo Conectando Saberes, no Projeto Cordel Extraordinário. Participa de 40 antologias de contos e poesias. Organizou a trilogia "Lendas pela mundo" pela Dark Books. Organizadora do livro de poemas "Idílico Concílio" pela Edições e Publicações.



Era uma manhã de sábado quando estacionei minha caminhonete na Praça de Celestina, a pequena cidadezinha tradicional na região metropolitana de Carolina. Ítalo me aguardava em frente à escadaria da Igreja Matriz. Nos cumprimentamos com um abraço saudoso, fazia tempo desde nosso último encontro, mas era como se nunca tivéssemos nos afastado. Não houve necessidade de palavras, sabíamos por meio dos olhares que um podia contar com o outro.

Ficamos ali parados observando o mais importante marco histórico de Celestina, a Igreja Matriz, bem no alto do morro, com uma escadaria imensa, a Réplica de uma igreja de Vicenza na Itália. No interior há quadros, objetos sacros e mármore que vieram da Europa e demonstram a fé dos moradores, muitos imigrantes italianos, fazendo do lugar um espaço místico e espiritual. Infelizmente a grade de entrada da Igreja estava fechada, a cidade mergulhada no silêncio.

Ítalo havia me repassado a situação por mensagens. Coisas estranhas aconteciam em Celestina desde a última eleição para prefeito que aconteceu em outubro do ano passado. Naquele 04 de outubro Luca Bernardi ganhou a eleição no primeiro turno. Foi uma surpresa. Ele fez uma festa na praça em comemoração à vitória. Ítalo contou que o discurso de Luca foi hipnotizante, ele era um homem jovem, com cerca de uns vinte e cinco anos, não mais do que isso. Tinha os traços marcantes, daqueles que a gente olha e não esquece mais. Eu sabia que meu amigo não era o tipo de pessoa que ficava impressionado com qualquer coisa. Ele suspeitava de magia...

Ítalo me falou que Luca Bernardi assumiu a Prefeitura no dia 02 de janeiro deste ano. Na mesma semana chegaram umas estátuas enormes, são seis e ficam três de cada lado na escadaria da Igreja. Mesmo do lado de fora da Igreja é possível ver que elas são muito diferentes da maioria das esculturas, têm em comum o mesmo material de mármore. As imagens são grotescas e parecem demônios, bocas abertas com dentes afiados, orelhas pontudas, olhos arregalados, metade homem e metade animal, todas com enormes asas. Algumas têm chifres, outras possuem garras. Ficam no topo da Igreja Matriz e vigiam a cidade. Dragões, cães do inferno, corvos, leões, morcegos, carneiros. Os olhos arregalados parecem estar acompanhando cada cidadão, a postos para destruir qualquer perigo... ou pessoa.

Entramos na caminhonete, eu não me lembrava muito bem do trajeto até a casa de Ítalo, ele morava na área rural, um lugar tranquilo, rodeado pela natureza. Olhei para meu amigo e o que ele menos parecia ter era paz. Estava com dificuldades para dormir, seus olhos apresentavam enormes olheiras. O azul claro e vívido fora substituído por um olhar atormentado.

Ítalo me contou que estava tendo sonhos estranhos, pesadelos que o alertavam para as forças sobrenaturais presentes em Celestina. Eu sabia do chamado do meu amigo, ele podia adiar mas jamais fugiria do seu destino de caçador. Por esse motivo eu estava ali, as armas armazenadas na caçamba, embaladas em caixas com equipamentos de pescaria. Estacas, adagas, água benta e outros objetos históricos abençoados.

Eu suspirei, sabia como era difícil e solitária a vida de um caçador. Uma vida de mentiras, repleta de segredos. Não podíamos contar quem éramos nem mesmo para as pessoas mais próximas, aquelas que mais amamos. Eu temia por Ítalo. Ele era um jovem sonhador, sincero.

O contato com as forças sobrenaturais endurece a gente. Eu já não era mais o mesmo e esse foi o motivo de me afastar dele. Eu lidava com meus fantasmas sozinho, fazia de tudo para poupar minha família. E Ítalo era família.

Eu sorri para ele, disse que ficaria tudo bem. Já não sorria a tanto tempo que nem me lembrava mais como era. Acho que consegui, porque Ítalo sorriu de volta e disse que confiava em mim.

Na chácara dona Mafalda me abraçou, aquele abraço acolhedor e reconfortante que nenhuma outra pessoa tinha igual. Ela preparou inúmeras guloseimas para o café da manhã. O senhor Francisco trouxe leite recém tirado da vaca. O fogão à lenha estava aceso, comi pão caseiro quente com manteiga, queijo e salame produzidos por eles. E bolo com geléia de ameixa.

Que saudade de tudo aquilo! Ítalo manteve-se em silêncio, me observando todo o tempo, eu quase podia ouvir os pensamentos dele, rodas girando e nos unindo em uma mesma missão.

Passamos o dia por ali, comendo e descansando na rede da varanda. Era tardezinha quando Ítalo me entregou o violão e reunimos a família no quintal. Alguns vizinhos estavam ali com seus instrumentos, e a cantoria seguiu noite adentro. Quando a noite caiu, Seu Francisco acendeu uma fogueira e todos acomodaram-se em volta do fogo.

A lua estava alta no céu quando passei meu violão para o primo Alexandre e fiz sinal para Ítalo. Seguimos para a caminhonete, conferi a caixa de armas, a hora era chegada. Seguimos estrada afora, mergulhados na escuridão da noite, caçadores chamados para a luta.

Gargoule abriu os olhos, continuou estático, aguçou os ouvidos, tudo quieto, ninguém na rua, apenas o vento gelado tocando a pele dura do dragão. Ele esticou-se, levantou da escadaria, agradecendo por estar de novo livre. Seus companheiros saíram dos corpos de pedra, um a um. Gargoule alçou voo, sendo seguido pelos demais. Planaram acima da pequena cidade, Gargoule sabia que sua estadia ali estava próxima do fim, mas não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. De longe observou o veículo que seguia pela estrada em direção à clareira. Aguardou.

Eu estacionei bem antes do local da reunião e caminhamos a pé, as bolsas retiradas da caixa, penduradas nos ombros. Os olhos atentos aos movimentos e sons da floresta. Não demorou para vermos os seres macabros. Estavam embaixo de uma grande árvore, havia fogueiras e uma música estranha tocando. Uma jovem foi arrastada até o centro da clareira. Ela tinha os olhos vendados e estava amarrada.

Acima das árvores eu pude avistar os gárgulas, prontos para receberem a oferenda. Uma força descomunal tomou conta de mim, não era mais eu, assustado observei meu corpo correr por entre as pessoas enquanto sacava as armas e derrubava um a um.

Não me preocupei com Ítalo, sabia que o mesmo acontecia com ele. Meu amigo resgatava a jovem e confrontava Luca, a arma abençoada atravessando o corpo do Prefeito, que caiu sangrando, o espírito negro que estava nele fugindo pelos ares.

No mesmo instante os gárgula bateram as asas e partiram, certamente voltando a serem pedra. O feitiço quebrado pois sem oferenda não há serviço. As pessoas olhavam-se assustadas, sem saber o que estava acontecendo. Sem o espírito maligno que acompanhava Luca, todos voltaram a si, libertando-se da hipnose.

Somente Luca não voltou a si, o corpo atravessado pelo punhal. Ninguém pareceu preocupar-se com ele, seguiram floresta afora, um amparando o outro, tentando recuperar a consciência, sem cair na loucura da situação.

Eu voltei até o veículo e trouxe gasolina, espalhando sobre o corpo do Prefeito. Ítalo acendeu o isqueiro e esperamos o fogo consumir tudo. Juntei as cinzas, que seriam espalhadas em volta das estátuas na escadaria da Igreja.

Seguimos de volta, passando por aquelas pessoas, agora libertas do poder que as escravizava. Não foi difícil abrir o portão da Igreja. Os gárgulas estavam de novo ali em suas formas de mármore. Espalhei as cinzas aprisionando-os novamente, esperava que por mais seiscentos anos pelo menos.

Seguimos para a chácara, parando na cachoeira para nos limparmos. Ítalo mentiria pela primeira vez como caçador, afinal Dona Mafalda não aceitaria muito bem o estado das roupas do filho. Rimos enquanto eu abria uma garrafa de vodca. Ítalo tossiu, engasgou mas me acompanhou na bebedeira.

O sol nascia quando entramos para dormir, Ítalo acordaria com a tatuagem do dragão em seu peito. Logo estaria tão cheio delas que seria difícil esconder. Mas isso seria uma outra história.

Naquela manhã a neblina constante que cobria Celestina deu lugar a um sol que inundou tudo. Não houve nenhum prefeito na escadaria da igreja matriz, apenas suas cinzas espalhadas pela estátua do homem dragão, condenando-o de novo à sua forma de mármore. Padre José teve alta do hospital em Carolina onde estava internado e o padre Pietro voltou para Itália. O sumiço do Prefeito logo foi esquecido. A quantidade de crimes subiria um pouco, mas nenhuma criatura bestial, sobrevoaria os céus. As pesquisas de Ítalo estavam certas, gárgulas são demônios, expulsos dos céus e condenados a viverem em formas de pedra, sendo libertos a cada seis séculos para guerrearem com os homens, tentarem assumir a terra. Eles perderam mais uma batalha.

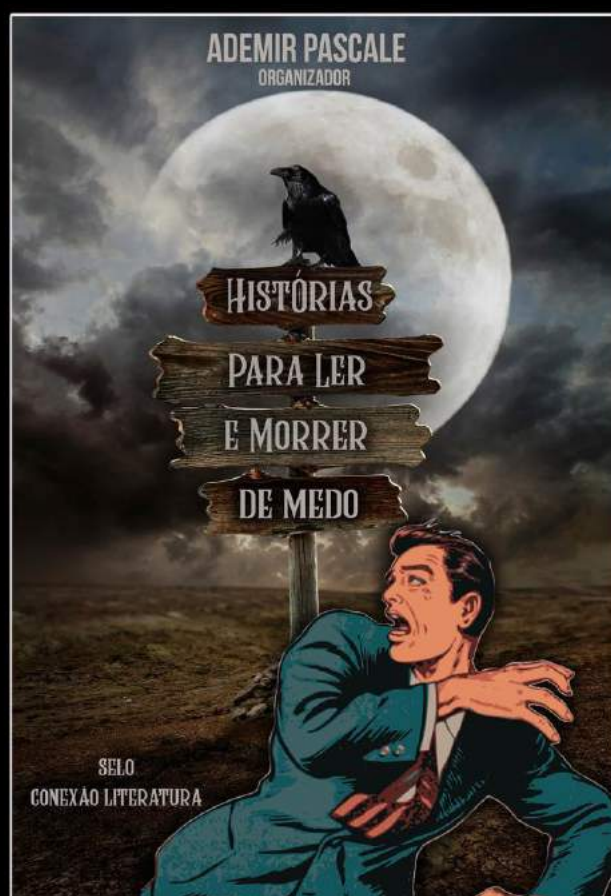
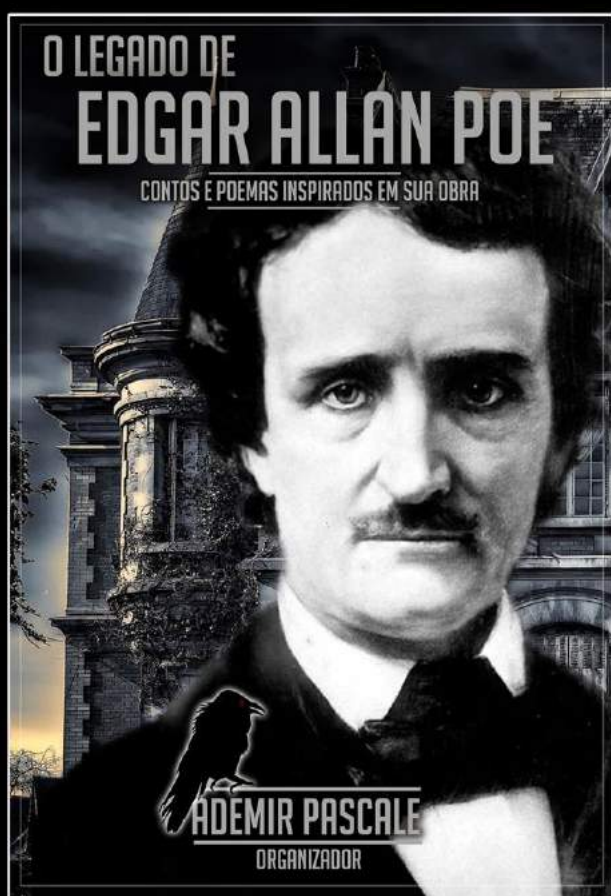
Ah, e quanto à lenda de Gargoule, aquela criatura metade homem, metade dragão, ele só sobrevive com sacrifícios humanos e sem Luca para sequestrar e matar jovens consideradas puras, o dragão é apenas uma escultura de pedra.

Foi bom eu ter atendido o chamado de meu amigo. Agora Celestina repousa novamente na paz. Voltou a ser apenas uma cidade turística, com seus belos restaurantes e belezas naturais. Há ainda muitos mistérios a serem desvendados, muitas cidades imersas no sobrenatural, mas basta a cada dia o seu mal.





CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAS EM ABERTO: CLIQUE AQUI